

Comportamento Semanal de Mercado

9 a 16 de junho



No aguardo

Para a semana que se adentra, a atenção estará indubitavelmente voltada para a comunicação das ações futuras pelo Copom. É inegável que há espaço para que seja sinalizado o início do ciclo de cortes, pois há uma conjugação de fatores benignos para o balanço de riscos da inflação, como a apreciação do real, a redução da pressão nas medidas subjacentes, o grau de deflação nos preços de atacado, a forte queda na inflação implícita nas negociações dos títulos públicos, a redução dos preços das commodities internacionais em reais, a desaceleração na concessão doméstica de crédito, a subestimação do indicador da taxa de desemprego por causa da redução da taxa de participação e a ausência de pressão na absorção doméstica. Na semana que se passou, o IGP-10 de junho mostrou uma queda de -6,31% a.a.. Com a melhoria na dinâmica da inflação, as projeções do Boletim Focus anteciparam de setembro para agosto a queda de -0,25 p.p. na Selic. O quadro foi favorecido, ainda, pela revisão da perspectiva da S&P para o risco soberano brasileiro de longo prazo de estável para positiva, com isso o CDS recuou -11,2 bps. na semana para 184,11 bps., o seu menor patamar desde 17/09/21. Superando as expectativas formadas com base na queda de -1,6% nos serviços e de -0,6% na produção industrial, o aumento no varejo restrito e estabilidade no ampliado, o índice de atividade do Banco Central (IBC-Br) registou uma alta de 0,56% em abril, na série dessazonalizada. No acumulado em 12 meses, houve a aceleração de 3,37% a.a. em mar/23 para 3,43% a.a. em abril, deixando um carregamento estatístico de 3,5% para 2023. Como resposta aos indicadores mais recentes, a expansão projetada para o PIB deste ano passou de 1,84% para 2,14%. Na semana, o real se apreciou em 1,17%, com o dólar sendo cotado a R\$ 4,82, o menor patamar desde jun/22, e o Ibovespa subiu 1,5%, inteirando a 6ª semana consecutiva com ganhos. O bom momento, também, refletiu-se no índice de confiança do empresário industrial que voltou a alcançar o campo otimista, encerrando junho em 50,4 pts.

Expectativas

IPCA - Mediana das projeções

	IPCA (%)		
	Mediana - agregado		
	16/06/2023	Últ. Semana	Há 4 semanas
jun/23	-0,04	0,20	0,34
jul/23	0,30	0,32	0,36
ago/23	0,22	0,23	0,24
2023	5,12	5,42	5,80
2024	4,00	4,04	4,13
2025	3,80	3,90	4,00

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

A expressiva deflação que ocorre nos preços no atacado e a surpresa positiva com o IPCA de maio, sinalizam um processo de desinflação mais célere do que o previsto anteriormente pelos analistas econômicos. No curto prazo, as projeções para o IPCA de junho passaram de 0,20% para uma deflação de -0,04%, para julho de 0,32% para 0,30% e para agosto de 0,23% para 0,22%. Desse modo, as projeções no Boletim Focus para o IPCA de 2023 foram revisadas de 5,42% para 5,12%. Considerando-se 2024, como o horizonte relevante, as estimativas reduziram-se de 4,04% para 4,00%, ao passo que para 2025 passaram de 3,90% para 3,80%. O processo de reancoragem de expectativas deve persistir nas próximas edições do boletim, porém vale atentar para a próxima reunião do CMN que pode alterar o nível central da meta de inflação, hoje em 3,0%.

Após as sucessivas quedas nas últimas semanas, a inflação implícita na curva de negociação das NTN-Bs voltou a se elevar. Para o prazo de 1 ano passou de 3,64% para 3,79%, de 2 anos de 4,34% para 4,36% e de 3 anos de 4,71% para 4,73%. O Boletim Focus antecipou para agosto o início do ciclo de flexibilização monetária, com um corte de -0,25 p.p.. Nas outras reuniões, a expectativa é de mais uma redução de -0,25 p.p. e 2 de -0,50 p.p., o que levaria a Selic para 12,25% a.a. ao final de 2023 (12,50% na edição anterior). O processo se estenderia nos 2 anos seguintes, com as taxas encerrando em 9,50% a.a. em 2024 (10,00% antes) e 9,0% a.a. em 2025. Ainda em resposta aos indicadores mais recentes, agora também à surpresa positiva do IBC-Br de abril, a expansão projetada para o PIB deste ano passou de 1,84% para 2,14%. Por sua vez, para 2024, reduziu-se de 1,27% para 1,20%, mantendo-se em 1,80% para 2025. Com a recente apreciação cambial, a estimativa para a taxa de câmbio recuou -2,0% para R\$/US\$ 5,00 ao fim de 2023, -1,4% para R\$/US\$ 5,10 para 2024 e -0,4% para R\$/US\$ 5,18 para 2025. Por fim, o déficit primário projetado em relação ao PIB variou de -1,05% para -1,01% para 2023, de -0,70% para -0,80% para 2024 e de -0,37% para -0,50% para 2025.

Economia Internacional

A variação mensal do índice de preços ao consumidor (CPI) nos EUA desacelerou de 0,4% em abr/23 para 0,1% em maio. Em termos anualizados, a inflação passou de 4,9% a.a. para 4,0% a.a., atingindo o menor patamar desde mar/21. Contudo, o arrefecimento na margem mensal adveio de itens mais voláteis, como os preços de energia (-3,6%), gasolina (-5,6%) e óleos combustíveis (-7,7%). Excluindo-se os preços de alimentos e energia, o CPI manteve em maio a alta mensal de 0,4% de abr/23, desacelerando de 5,5% a.a. em abr/23 para 5,3% a.a.. As expectativas de inflação, apuradas pela Universidade de Michigan, caíram de 4,2% a.a. para 3,3% a.a. para o período de 12 meses e as de 5 anos de 3,1% a.a. para 3,0% a.a..

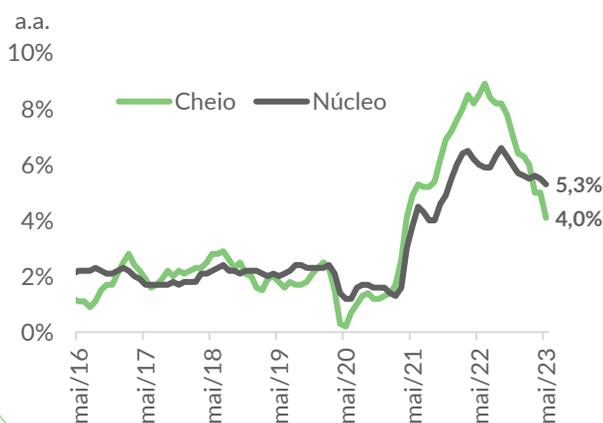
Adicionalmente, o índice de preços ao produtor (PPI) recuou -0,3% em maio, superando a queda esperada de -0,1%, influenciado pela redução nos preços dos bens de demanda final (-1,6%) e pelo aumento no grupo de serviços (0,2%). Em 12 meses, o PPI acumula alta de 1,1% a.a. e o núcleo de 2,8% a.a.. Do lado da atividade, após uma alta de 0,5% em abril, a produção industrial dos EUA registrou uma contração de -0,2% em maio, resultado pior do que o esperado (+0,1%). A taxa de utilização da capacidade instalada caiu de 79,8% em abr/23 para 79,6%. Ademais, o relatório semanal de pedidos de seguro-desemprego mostrou que as solicitações chegaram a 262 mil, acima das projeções de 249 mil.

Na Zona do Euro, sem surpresas e com um quadro de atividade econômica da enfraquecida, o Banco Central Europeu (BCE) elevou novamente as taxas básicas de juros em 0,25 p.p.. Com a decisão, a taxa de refinanciamento do BCE passará de 3,75% a 4%, a de depósitos, de 3,25% a 3,50%, e a de empréstimos, de 4% a 4,25%. As taxas de juros serão levadas para níveis suficientemente restritivos para alcançar o retorno da inflação à meta de 2% no médio prazo, devendo ser mantidas pelo tempo que for necessário.

Ainda, com as surpresas altistas sobre os preços e as implicações do mercado de trabalho robusto para a velocidade da desinflação, o BCE revisou suas projeções em relação ao esperado em mar/23. A inflação estimada para 2023 subiu de 5,3% para 5,4%, devendo cair a 3,0% em 2024 e a 2,2% em 2025. O PIB, por sua vez, deve crescer 0,9% neste ano, ante 1,0% previsto anteriormente, e subir para 1,5% em 2024 e 1,6% em 2025. Por fim, a leitura final do CPI de maio confirmou a desaceleração de 7,0% a.a. em abr/23 para 6,1% a.a.

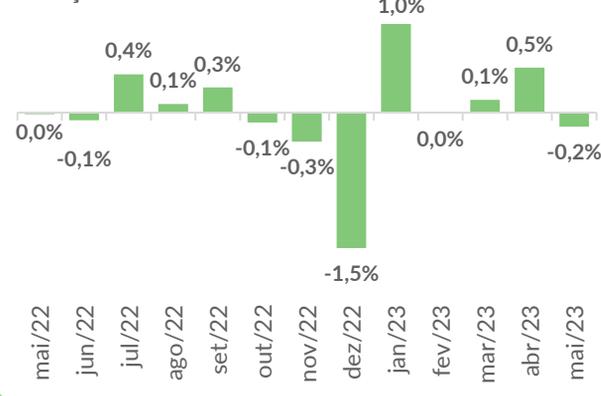
Na China, os indicadores continuaram apontando uma perda de ímpeto da recuperação iniciada no 1T23 com a reabertura das atividades. Na comparação interanual, as vendas no varejo desaceleraram de 18,4% em abr/23 para 12,7%, apontando para uma composição heterogênea entre os setores de consumo, ainda forte em serviços e moderação em bens, a produção industrial saiu de 5,6% para 3,5% na mesma base e os investimentos em ativos fixos perderam força ao crescer 4,0% no acumulado do ano até maio, volume 0,7 p.p. abaixo do registrado nos primeiros 4 meses do ano. Destaque para a queda de investimento em propriedades, reforçando a persistência dos gargalos sobre o setor imobiliário. Em reação à melhora mais lenta da economia, o Banco da China reduziu as taxas de juros, além de injetar US\$ 33 bilhões nos mercados financeiros. Assim, a taxa para empréstimos às instituições com prazo de 1 ano caiu de 2,75% para 2,65%.

EUA - Inflação ao Consumidor (CPI)



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC.

EUA - Produção Industrial



Fomc - Jun/23

Conforme esperado, o Federal Reserve (Fed) manteve a taxa básica de juros inalterada entre o intervalo de 5,00% e 5,25% a.a., o maior patamar desde set/07. A pausa, possivelmente momentânea, foi justificada como necessária para a avaliação dos impactos da política monetária já implementada. Adicionalmente, manteve-se o tom de que apertos adicionais possam ser apropriados para alcançar o objetivo de retornar a inflação à meta.

Os indicadores recentes sugerem que a atividade econômica cresce em um ritmo modesto, com os ganhos de empregos mostrando-se robustos nos últimos meses e a taxa de desemprego permanecendo baixa. A inflação, por sua vez, continua elevada. No seu comunicado, o Comitê destacou que o sistema bancário dos EUA se mostra resiliente e que os impactos do recente aperto no crédito ainda são incertos, embora devam ter efeito sobre a atividade, emprego e inflação.

Na revisão trimestral das projeções econômicas, os membros do comitê elevaram as expectativas de juros para os próximos 3 anos, inclusive em 2023, sugerindo que a taxa básica ainda pode ser ajustada em 0,50 p.p. até o fim deste ano. Assim, a projeção para 2023 subiu de 5,1% em março para 5,6%, para 2024 de 4,3% para 4,6% e para 2025 de 3,1% para 3,4%. No longo prazo, manteve-se em 2,5%.

Ainda, a estimativa para a inflação de consumo (PCE) avançou de 3,6% para 3,9% para este ano. A projeção para o PIB também foi revisada para cima no horizonte de 2023, de 0,4% para 1,0%. Finalizando, as projeções para a taxa de desemprego recuaram, após os dados do mercado de trabalho se mostrarem mais fortes, de 4,5% para 4,1% em 2023 e de 4,6% para 4,5% em 2024.

Projeções

Indicador	Mediana das Projeções (%)					
	2023		2024		2025	
	mar/23	jun/23	mar/23	jun/23	mar/23	jun/23
PIB real	0,4	1,0	1,2	1,1	1,9	1,8
Desemprego	4,5	4,1	4,6	4,5	4,6	4,5
PCE	3,3	3,2	2,5	2,5	2,1	2,1
PCE núcleo	3,6	3,9	2,6	2,6	2,1	2,2
Taxa fed funds	5,1	5,6	4,3	4,6	3,1	3,4

Fonte: Fed. Elaboração ABBC.

Aversão ao Risco

A provável pausa no ciclo de alta dos juros nos EUA e as medidas de estímulos econômicos na China favoreceram os ativos de riscos, de modo que houve impactos positivos nas bolsas internacionais e na recuperação dos preços das *commodities*.

A queda na inflação anualizada dos preços ao consumidor e na medida de núcleo fortaleceram a hipótese para a pausa no ciclo de aperto monetário. Contudo, mantendo o tom de que apertos adicionais possam ser apropriados para alcançar o objetivo de retornar a inflação à meta, o Fed sinalizou 2 altas de 0,25 p.p. até o final do ano.

Como consequência, os rendimentos das *T-Notes* subiram 0,11 p.p. para 4,70% a.a. no prazo de 2 anos, 0,07 p.p. para 3,99% a.a. no de 5 e 0,02 p.p. para 3,77% a.a. no de 10 anos. Entretanto, a elevação dos pedidos de seguro-desemprego na semana anterior e a queda das expectativas de inflação caso persistem, podem reduzir as apostas de novas altas. Com isso, foram observadas altas semanais de 3,2% na Nasdaq, de 2,6% na S&P 500 e de 1,2% no Dow Jones.

Na Zona do Euro, ainda que esperados, o aumento da taxa básica de juros pelo BCE e a ratificação do compromisso em convergir a inflação à meta de 2,0%, favoreceram a alta nos rendimentos dos títulos soberanos. Na semana, o retorno dos títulos da Alemanha no prazo de 2 anos aumentou 0,20 p.p. para 3,11% a.a., 0,16 p.p. no de 5 para 2,58% a.a. e 0,10 p.p. para 2,47% a.a. no de 10 anos. No Reino Unido, a queda na taxa de desemprego e o aumento da média salarial sugeriram mais aperto monetário, levando o retorno dos *bonds* subirem 0,40 p.p. para 4,93% a.a. no de 2 anos, 0,33 p.p. para 4,57% a.a. no de 5 e 0,17 p.p. para 4,41% a.a. no de 10 anos. Porém, se a elevação de juros é ruim para os ativos de riscos, as novas medidas de estímulos econômicos na China alimentaram as buscas por ativos mais arriscados, levando às altas de 2,6% no DAX 40 e de 1,1% no FTSE100.

No mesmo sentido, as bolsas asiáticas encerraram com ganho de 4,5% no Nikkei 225 e de 1,3% no Xangai. Em linha com a melhor perspectiva para a demanda global, o preço da saca de soja negociada em Chicago subiu 5,8%, o barril de petróleo tipo Brent aumentou 2,4% e o minério de ferro na Bolsa de Qingdao subiu 1,2%.

A expectativa de que o novo arcabouço fiscal dê previsibilidade aos gastos públicos e o cenário para a inflação e atividade mais favoráveis que já vinham reduzindo os prêmios de risco, levou à alteração da classificação do risco soberano brasileiro pela S&P Global Ratings, de modo que a nota na perspectiva de longo prazo passou de "estável" para "positiva".

Beneficiando-se, também, da recuperação no preço das *commodities* e da crescente expectativa do início do ciclo de cortes da taxa de juros em agosto, o Ibovespa teve a 6ª semana de alta consecutiva, encerrando com uma elevação de 1,5%. Em consonância com todos esses fatores, o risco soberano brasileiro, medido pela cotação do CDS de 5 anos, recuou -11,2 bps. na semana para 184,11 bps., o seu menor patamar desde 17/09/21 (180,8 bps.).

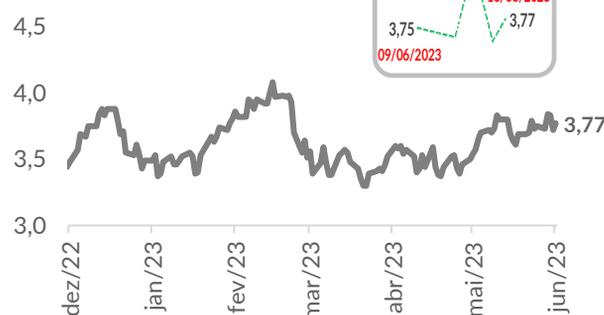
Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	16/06/2023	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	118.758	1,5%	8,5%	15,5%
Nasdaq	13.690	3,2%	9,5%	28,6%
S&P	4.410	2,6%	6,0%	20,3%
Dow Jones	34.299	1,2%	2,6%	14,6%
FTSE 100	7.643	1,1%	-1,0%	8,5%
DAX 40	16.358	2,6%	2,5%	25,5%
Nikkei 225	33.706	4,5%	12,0%	27,5%
Xangai	3.273	1,3%	-0,3%	-0,4%

Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

T-Note

Rendimento em % a.a.



Taxa de Juros

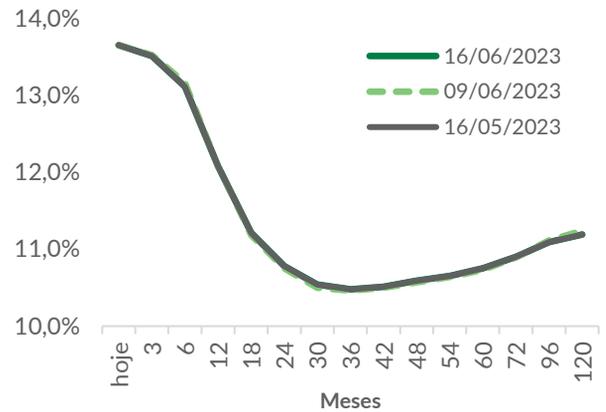
Após semanas sucessivas com fortes reduções nos prêmios ao longo da curva, inclusive precificando uma redução da Selic já na reunião de agosto, a Estrutura a Termo da Taxa de juros (ETTJ) praticamente não se movimentou na semana, mesmo com a alteração da percepção de risco soberano pela S&P.

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 6 meses saiu de 13,16% a.a. para 13,11%, a de 1 ano permaneceu em 12,08% a.a., a de 2 anos saiu de 10,75% a.a. para 10,78%, a de 3 anos de 10,46% a.a. para 10,48%, a de 4 de 10,57% a.a. para 10,59%, a de 5 de 10,73% a.a. para 10,75% e a de 10 anos saiu de 11,24% a.a. para 11,19%.

Com a manutenção da taxa de juros prefixada de 360 dias em 12,08% e a inflação esperada para os próximos 12 meses recuando -0,25 p.p. na semana para 4,18% a.a., a taxa real de juros *ex-ante* encerrou em 7,59% a.a. ante 7,33% a.a. no fechamento da semana anterior.

Por fim, o *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, registrou queda de -0,05 p.p. na semana para -0,89 p.p.. No mesmo sentido, o diferencial das taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na divulgação de títulos públicos pela Anbima, caiu -0,07 p.p. no mesmo período, encerrando em -0,71 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros



Taxa Real de juros *ex-ante*



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

Câmbio

Com a pausa no ciclo de aperto monetário pelo Fed e a sinalização de mais 2 elevações até o final do ano, o dólar perdeu força na semana, tanto frente às moedas dos países desenvolvidos quanto às dos emergentes. Ademais, a apreciação do real também foi favorecida pela alteração da perspectiva de risco soberano pela S&P, com isso a divisa norte-americana recuou -1,17% na semana para R\$ 4,82, após alcançar R\$ 4,81 na quarta (14/01), o seu menor patamar desde 06/06/22 (R\$ 4,79). Com isso, o real acumulou apreciações de 4,6% em 12 meses e de 8,7% somente em 2023.

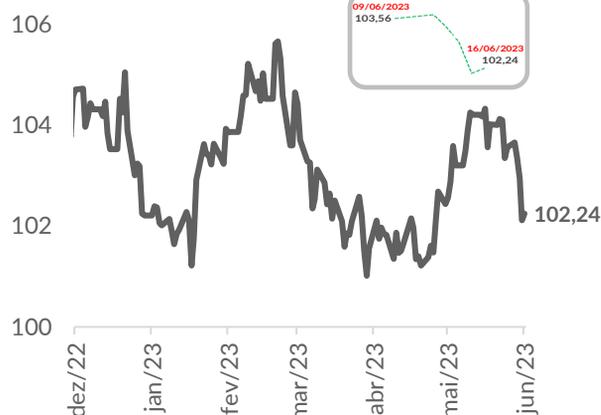
O Banco Central deu início à rolagem dos contratos de *swap* cambial com vencimento em 1º de agosto de 2023, no montante de US\$ 15,1 bilhões (301.850 contratos). A execução desta rolagem prevê a realização de leilões diários de *swap* tradicional e compreenderá o período necessário para que todo o estoque vincendo em 1º/8/2023 seja renovado.

Ainda na semana, o *Dollar Index*, que mede a variação da moeda dos EUA em relação às dos países desenvolvidos, caiu -1,3%, refletindo as apreciações de 1,9% na libra esterlina e de 1,7% no euro. Em linha, o índice que mede o desempenho das moedas dos países emergentes frente ao dólar exibiu alta de 0,39%, com destaques para as apreciações de 3,0% no rand sul-africano, de 1,1% no peso mexicano e de 0,8% no peso colombiano. Por outro lado, refletindo as dificuldades da economia local, o rublo russo depreciou 1,5% enquanto o peso argentino registrou queda de 1,8%.

Real/US\$



Dollar Index



Índice de Emergentes*



*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

IGP-10 - Jun/23

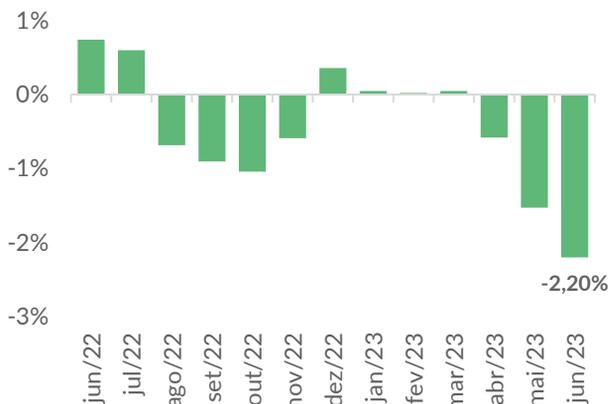
Após as deflações de -0,58% em abr/23 e de -1,53% em mai/23, o IGP-10 recuou -2,20% em junho. O índice, então, acumulou uma queda de -4,14% no ano (+8,53% no mesmo período de 2022). Em 12 meses, a deflação era de -6,31% a.a., a menor da série histórica do indicador.

Assim como no mês anterior, o resultado de junho foi puxado pelo IPA. No mês, este indicador apresentou uma queda de -3,14%, após a baixa de -2,25% em mai/23. Todos os estágios de processamento apresentaram variações negativas. Nesse sentido, destacaram-se as Matérias-Primas Brutas, cujo índice foi de -5,00% ante -5,88% em mai/23. No grupo houve redução das quedas como a soja (-10,41% para -5,16%), o minério de ferro (-11,50% para -8,04%) e o algodão (-9,48% para -4,16%). Bens Intermediários, por outro lado, passaram de uma variação de -1,08% em mai/23, para -3,36% em junho. A esse respeito, pesou o movimento do subgrupo de combustíveis e lubrificantes para produção, de -3,93% para -12,77%. Já os Bens Finais registraram uma queda de -1,01%, após avançarem 0,29% em mai/23. A maior contribuição para este resultado ficou a cargo do subgrupo referente a combustíveis para o consumo, -9,73%, ante 0,42% no mês anterior.

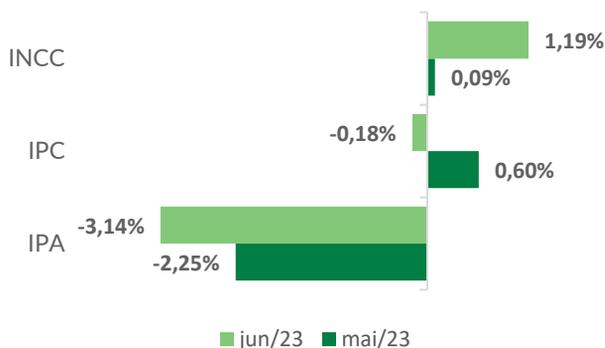
O IPC variou -0,18% em junho após a alta de 0,60% em mai/23. Dentre as 8 classes de despesa pesquisadas, 6 registraram decréscimo em suas taxas de variação. Destaca-se o resultado de Transportes (0,52% para -1,23%), Alimentação (1,04% para -0,21%) e Comunicação (1,18% para -0,06%). No sentido contrário, Habitação (0,48% para 0,79%) e Despesas Diversas (0,50% para 0,63%) apresentaram acréscimos.

Por fim, o INCC avançou de 0,09% em mai/23 para 1,19%. O resultado para seus grupos componentes foi de 0,10% (ante 0,11%) para Materiais e Equipamentos, de 0,32% (ante 0,42%) para Serviços e de 2,27% (ante 0,01%) para Mão de Obra.

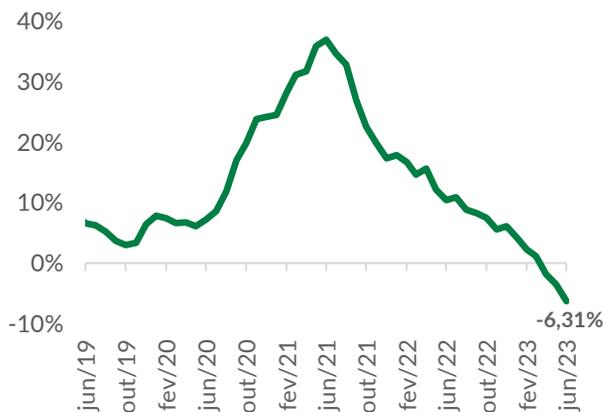
Varição Mensal



Varição Mensal Abertura



Varição Anual



Fonte: FGV IBRE. Elaboração ABBC

PMC - Abr/23

Conforme a Pesquisa Mensal do Comércio, conduzida pelo IBGE, o varejo restrito avançou 0,1% em abril, após a alta de 0,8% em mar/23, na série com ajuste sazonal. Interrompendo uma sequência de 4 meses em alta, houve uma queda de -1,6% no comércio ampliado, ante um avanço de 3,7% em mar/23.

Devido à desaceleração da economia, impactada pelos juros altos, as perspectivas prospectivas para o setor não são favoráveis, principalmente para os segmentos sensíveis ao crédito.

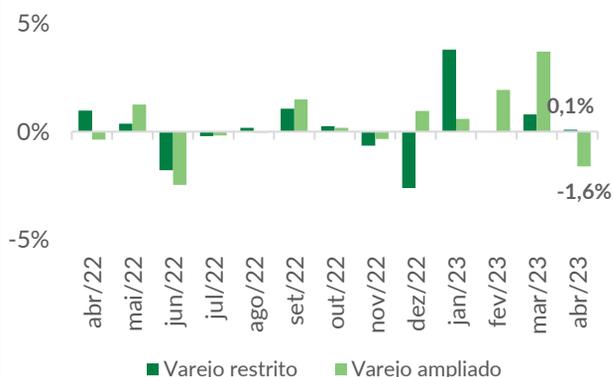
Dos 8 grupos de atividades pesquisados, 5 apresentaram taxas negativas. Nesse contexto, a análise da abertura mensal por segmentos revelou que o resultado de abril foi puxado, principalmente, por materiais de escritório (-7,2%), vestuário (-3,7%) e combustíveis e lubrificantes (-1,9%). No sentido contrário, destacou-se o segmento de supermercados (3,2%), seguido do de papelaria (1,0%). Incluindo grupos do varejo ampliado, veículos tiveram variação de -5,9% no mês e materiais de construção, de -0,8%.

No acumulado do ano, o varejo restrito acumulou alta de 1,9% em relação a igual período de 2022, enquanto o ampliado cresceu 3,3%. Com os resultados o carregamento estatístico do 2T22 ficou em 0,6% no restrito e 1,4% no ampliado.

Ainda em abril, a variação anual do volume do varejo restrito acumulado em 12 meses reduziu-se de 1,2% a.a. em mar/23 para 0,9% a.a., mantendo-se próxima à registrada no mesmo período do ano anterior (0,7% a.a. em abr/22). Já no caso do varejo ampliado, a variação anual do acumulado chegou a zero, após uma série de resultados negativos desde jun/22 (-0,2% a.a. em mar/23 e 2,2% a.a. em abr/22).

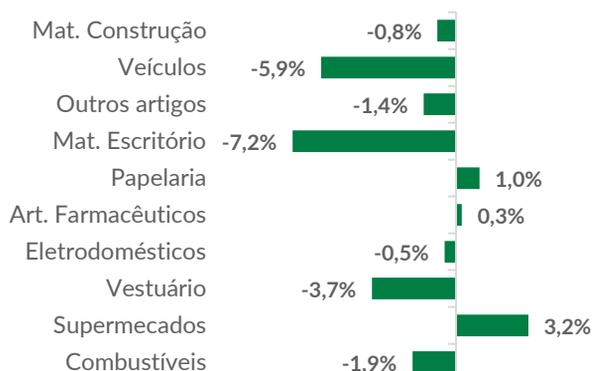
Varição Mensal

Em dados dessazonalizados



Varição Mensal

Por segmentos - série com ajuste sazonal



Varição Anual

Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

PMS - Abr/23

A Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) registrou um recuo de -1,6% no volume em abril, após apontar uma alta de 0,9% em mar/23, na série com ajuste sazonal. O resultado ficou abaixo das expectativas de uma alta de 0,7%.

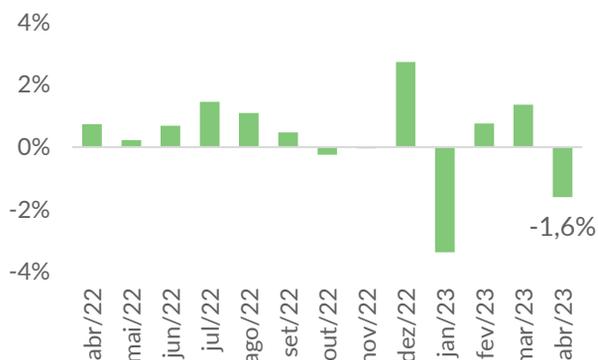
Dentre as 5 atividades econômicas pesquisadas, apenas 1 apresentou expansão, divergindo do resultado geral do mês. Este foi o caso dos serviços prestados às famílias, com variação de 1,17%, após a baixa de -1,06% em mar/23. Quanto aos resultados negativos, destaca-se o segmento de transportes, com retração de -4,43%, ante uma considerável alta de 4,14% no mês anterior. Em seguida, outros serviços (-1,14%), serviços de informação (-0,99%) e serviços profissionais (-0,57%).

No acumulado do ano, o setor acumulou ganhos de 4,8%. Para o 2T23, o carregamento estatístico é de uma queda de -0,5%.

No acumulado em 12 meses, a variação anual desacelerou de 7,3% a.a. em março para 6,8% a.a. (11,7% a.a. em abr/22).

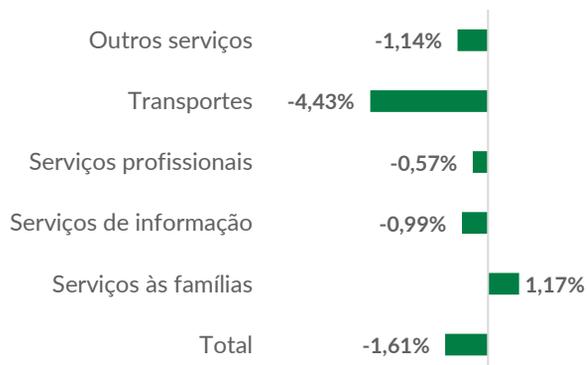
Varição Mensal

Em dados dessazonalizados



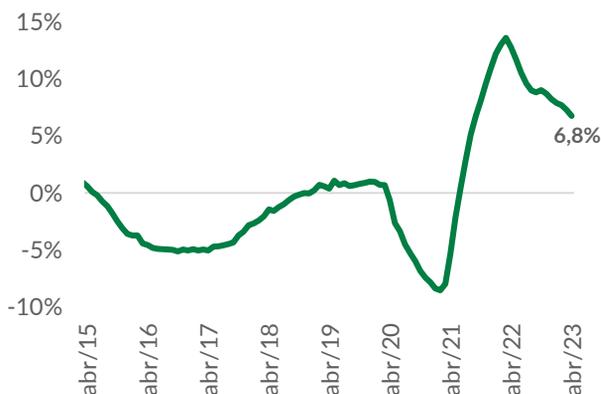
Abertura por segmentos

Variação mensal



Varição Anual

Acumulado em 12m



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

IBC-Br - Abr/23

Superando as expectativas de uma elevação de 0,10%, o índice de atividade do Banco Central (IBC-Br) registou uma alta de 0,56% em abril, na série dessazonalizada. A surpresa, que poderia ser explicada ainda pelo efeito direto do setor agropecuário, é um sinal positivo para o comportamento do PIB no 2T23. Ademais, a queda de mar/23 foi revisada de -0,15% para -0,14%. O indicador alcançou 148,33 pts., um nível próximo do observado em jan/14 (148,29 pts.).

Como medida de periodicidade mensal, a performance foi influenciada pela alta de 0,9% no varejo restrito, além da estabilidade no comércio ampliado, e as quedas de -0,6% na indústria e de -1,6% no setor de serviços.

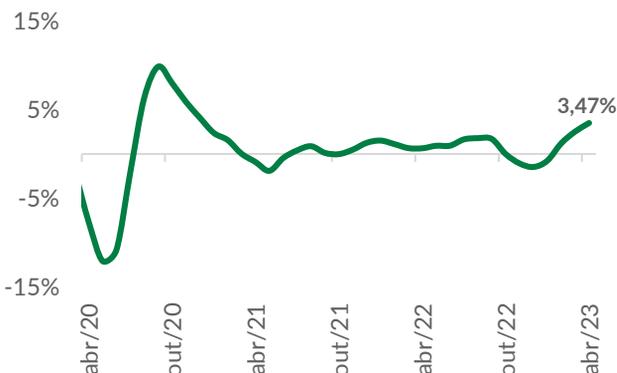
Ainda, a média móvel trimestral móvel (MM3) apontou um crescimento de 3,47% em abril, após a alta de 2,51% em mar/23. O carregamento estatístico para o 2T23 ficou em 1,3% e de 3,5% para 2023.

Na série do acumulado em 12 meses, houve uma aceleração de 3,37% a.a. em mar/23 para 3,43% a.a. (3,61% a.a. em abr/22).

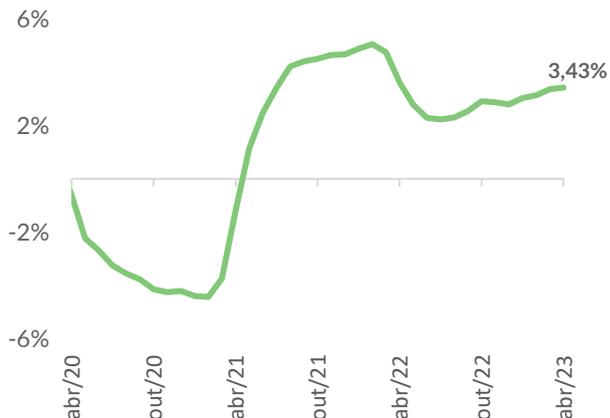
Varição Mensal Com ajuste sazonal



Evolução Trimestral Com ajuste sazonal



Acumulado em 12 meses



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

ICEI - Jun/23

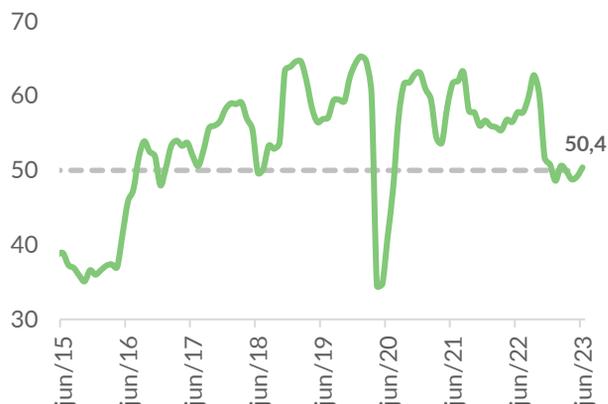
Após 3 meses consecutivos de queda, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) cruzou, em junho, a linha divisória dos 50 pontos. Assim, o índice, que na série sem ajuste sazonal chegou a 50,4 pts., voltando a demonstrar confiança no setor industrial. Embora esse resultado seja 1,2 pt. maior na comparação na margem, está ainda -7,4 pts. abaixo do registrado em jun/22.

A recuperação mensal foi disseminada dentre os componentes do indicador, com todos apresentando altas. Nesse sentido, o índice de expectativas (EF) subiu 1,3 pt., chegando à zona otimista em 53,5 pts., o maior nível desde out/22. Contudo, essa percepção positiva está restrita à empresa, cujo índice EF aumentou em 1,1 pt. para 56,8 pts. em junho. O índice de expectativa da economia brasileira, por outro lado, avançou 1,9 pt., mas ficou abaixo da linha divisória, aos 47,0 pts.. Ainda, o índice referente às condições atuais (CA) permaneceu na zona de falta de confiança, 44,2 pts. em junho, embora tenha crescido 1,1 pt. na margem. Para a economia brasileira, o índice CA é de 38,9 pts. e para a empresa é de 46,9 pts., ambos abaixo dos 50 pts..

Dados os resultados de junho, o índice de condições atuais situou-se -9,3 pts. abaixo do índice de expectativas, o que reflete uma percepção de piora das condições atuais e de otimismo frente os próximos 6 meses. Ainda analisando-se a diferença entre CA e EF, a sua média móvel de 12 meses manteve-se estável em junho (6 pts.), após um movimento de recuos consistentes desde abr/22 (9,8 pts.).

Finalizando, a pesquisa foi realizada entre os dias 1 e 7 de junho, com 1.382 empresas, sendo 558 de pequeno porte, 505 de médio porte e 319 de grande porte.

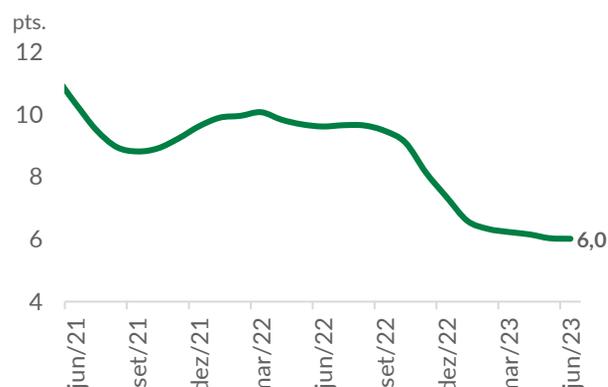
ICEI



Abertura por Componentes



Diferença entre CA e EF Média móvel de 12 meses



Fonte: CNI. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,0	1,3
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	6,9	8,3
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	8,8	9,0
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	5,3	4,0
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-1,2	4,0
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	12,00	10,00
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	58,6	55,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-47,5	-53,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	80,0	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	5,00	5,15
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,1	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,9	-7,0
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,8	64,4
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	76,7	79,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688